

Desejos pessoais, pulsões coletivas

DCF  12ª EDIÇÃO
2021
DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

Foto: João Roberto Ripper



PATROCÍNIO



**ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA**
ESTADO DO PARÁ
A GENTE FAZ VALER A SUA VOZ



A força do empreendedor brasileiro.

EDITORIAL

Se na edição de 2020 o Diário Contemporâneo de Fotografia propôs uma curadoria em que a ficção instigasse os artistas visuais num contexto de desafios vários ocasionados pela pandemia do coronavírus, em 2021 o percurso curatorial escancara a necessidade de se colocar foco na realidade brasileira como uma convocação à esperança por dias melhores.

As duas mostras apresentam obras de artistas que compõem a coleção do projeto em diálogo com artistas convidados, do país inteiro, despertando discussões sobre temas sociais e luta por direitos tão caros à nós que vivemos pouco mais de três décadas de redemocratização. Faço referência a esse tempo histórico, pois há quem defenda a volta a um período anterior, em que não existiam esses direitos. É isso, a defesa do indefensável, tornou-se parâmetro para tomadas de decisões políticas que nos afetam em todas as esferas da vida, cotidianamente.

Por isso há esta convocação ao esperar, sem negligenciar o que estamos vivendo - dias complexos. O nome “Desejos pessoais, pulsões coletivas - Quando as imagens tomam posição”, da mostra na Casa das Onze Janelas, é um título síntese desse chamado que afirma: há na coletividade diversificadas subjetividades que se encontram na resistência. E em “Pulsões”, no Museu da UFPA, também é contundente a ideia de que é preciso não perder de vista que a ação do agora definirá novos rumos.

Dominik Giusti

12º PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

JORNAL DIÁRIO DO PARÁ
REDE BRASIL AMAZÔNIA DE COMUNICAÇÃO
Presidente do Diário do Pará - **Jader Barbalho Filho**
Vice-Presidente do Grupo RBA - **Camilo Centeno**
Diretora Administrativo Financeira do Grupo RBA - **Ladilene Martins**
Diretor Comercial do Grupo RBA - **Nilton Lobato**
Coordenadora de Marketing do Grupo RBA - **Marcelle Maruska**

12º PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

Curador e Coordenador Geral - **Mariano Klautau Filho**
Curador Convidado - **Alexandre Sequeira**
Produtora Executiva - **Lana Machado**
Assistente de Curadoria e Produtora - **Irene Almeida**
Produtor - **Felipe Mendonça**
Coordenadora de Ação Educativa - **Dairi Paixão**
Assessoria de Comunicação - **Sorella Conteúdo**
Designer - **Melissa Barbery**
Técnico em mídias - **Michel Silva**

MUSEU DA UFPA

Diretora - **Jussara Derenji**
Coordenadora Cultural - **Nilma Brasil**
Secretária - **Júlia Rodrigues**
Coordenadora Administrativa - **Norma Suely de Assis**
Coordenador de Acervo - **Wanderson Amorim**

SISTEMA INTEGRADO DE MUSEUS E MEMORIAIS (SIMM)

Secretaria de Estado de Cultura do Pará - **Ursula Vidal Santiago de Mendonça**
Diretor do SIMM - **Armando Sobral**
Diretora do Espaço Cultural Onze Janelas - **Sandra Christina Ferreira dos Santos**
Coordenador de Comunicação Expositiva - **Nando Lima**
Coordenador de Ação Educativa - **Raimundo Calandrino**
Coordenadora de Restauração, Conservação e Preservação - **Renata Maués**
Coordenador de Documentação e Pesquisa - **Emanoel Fernandes Oliveira Júnior**

TABLOIDE

Coordenação editorial - **Dominik Giusti**
Projeto gráfico e diagramação - **Melissa Barbery**
Texto da ação educativa - **Dairi Paixão**

PARA ENFRENTAR OS TEMPOS DIFÍCEIS

Mariano Klautau Filho . Curador

O Diário Contemporâneo de Fotografia inaugurou na edição de 2016 a “Coleção Diário Contemporâneo de Fotografia”, constituída pelas obras premiadas pelo projeto desde 2010 e por doações por parte dos artistas selecionados em diversas edições. Este conjunto de trabalhos, representado hoje por aproximadamente 50 artistas e em permanente crescimento, está abrigado no acervo de dois museus públicos: Casa das Onze Janelas e Museu da UFPA, parceiros do DCF.

Este ano, voltamos o olhar para a “Coleção DCF”, somando a ela um grupo de artistas convidados no intuito de realizar uma edição especial para refletir sobre o perfil e a importância de se ter uma coleção de fotografia brasileira contemporânea e promover um diálogo entre poéticas. As obras da coleção e os trabalhos dos artistas convidados estão reunidos sob a assinatura de nosso curador convidado desta edição, Alexandre Sequeira, que propôs como eixo central a mostra “Desejos Pessoais, Pulsões Coletivas - quando as imagens tomam posição”, na Casa das Onze Janelas.

Como parte do mecanismo conceitual proposto por Sequeira para a edição, como curador geral do projeto, estendi ao Museu da UFPA a experiência do diálogo entre poéticas e apresentei a mostra “Pulsões”, ampliando assim o mote central e a discussão sobre museus, acervos e as representatividades que estão em jogo na produção e difusão dos artistas nos projetos de arte contemporânea no Brasil.

DESEJOS PESSOAIS, PULSÕES COLETIVAS

QUANDO AS IMAGENS TOMAM POSIÇÃO

Museu Casa das Onze Janelas

CURADOR CONVIDADO

Alexandre Sequeira

ARTISTAS - COLEÇÃO DCF

Ana Lira (PE)

Daniela Alves e Rafael Andorjan (RJ)

Diego Bresani (DF)

Geraldo Ramos (PA)

Julia Milward (RJ)

Marcílio Costa (PA)

Mateus Sá (PE)

Paula Sampaio (MG/PA)

Péricles Mendes (PA)

Randolpho Lamonier (MG)

Rodrigo José (PA)

ARTISTAS CONVIDADOS

Alex Oliveira (BA)

Ana Mendes (RS/MA)

Beatriz Paiva (PA)

David de Jesus (MG)

Erick Peres (RS)

Gabriela Massote (RJ)

João Roberto Ripper (RJ)

Keyla Sobral (PA)

Lau Baldo (RS)

Marcela Bomfim (RO)

Nilmar Lage (MG)

Paulo D'Alessandro (SP)

Ramon Reis (PA)

Roberto Bassul (RJ)

Rochelle Costi (RS/SP)

Sara não tem nome (MG)

Ubiratan Suruí (MS/RO)

Victor Galvão (MG/SP)

Wilka Sales (PA/MA)

Yuri Juatama (CE)

PULSÕES

Museu da UFPA

CURADOR

Mariano Klautau Filho

ARTISTAS - COLEÇÃO DCF

Ana Mokarzel (PA)

Coletivo Garapa (SP)

Flavya Mutran (PA/RS)

Hirosuke Kitamura (JP/BA)

Jorane Castro (PA)

Renan Teles (SP)

Tom Lisboa (PR)

ARTISTAS CONVIDADOS

Betania B (PA)

Denise Gadelha (PA/SP)

Duda Santana (PA)

Laiza Ferreira (PA/RN)

Melissa Barbery (PA)

Patrícia Teles (RJ)

Paulo Mendel (RJ/SP) & Vi Grunvald (PA/RS)

Randolpho Lamonier (MG)

Victor Galvão (MG/SP)

Waléria Américo (CE)

DESEJOS PESSOAIS, PULSÕES COLETIVAS - QUANDO AS IMAGENS TOMAM POSIÇÃO

Curadoria de Alexandre Sequeira

Casa das 11 Janelas

R. Siqueira Mendes, s/n - Cidade Velha

De 6/10 a 14/11/2021

Visitação de terça-feira a domingo, das 9h às 17h

Entrada: gratuita às terças-feiras e aos domingos 1kg de alimento não perecível por 4 ingressos.

Demais dias: R\$ 4,00 com gratuidade a estudantes, professores, pessoas portadoras de deficiência e crianças até 12 anos

PULSÕES

Curadoria de Mariano Klautau Filho

Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA)

Av. Gov. José Malcher, 1192 - Nazaré

(entrada pela Av. Generalíssimo Deodoro)

De 07/10 a 28/11/2021 .

Entrada gratuita

De terça à sexta-feira, das 9h às 17h

Finais de semana e feriados, das 9h às 13h

O DCF é uma realização do jornal Diário do Pará e RBA com patrocínio da Alubar, Assembleia Legislativa do Pará (Alepa), Sebrae-PA, apoio institucional do Governo do Pará, por meio da Secretaria de Estado de Cultura (Secult) e Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIMM), Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), e colaboração da Sol Informática.



Foto: Ubiratan Suruí - artista indígena

“Toda curadoria é um exercício de reunir diferentes falas”

O curador convidado Alexandre Sequeira conta como foi inspirado pelo filósofo francês Georges Didi-Huberman, na publicação chamada “Quando as imagens tomam posição”, em que autor relata a experiência do dramaturgo alemão Bertold Brecht, quando no exílio entre 1933-1955, no contexto da Segunda Guerra Mundial – e como isso influenciou a mostra desta edição do DCF.



Foto: Irene Almeida

O tema das mostras deste ano tem claramente uma posição. É sobre gênero, raça, classe... temas oriundos das discussões sobre luta por direitos. Por que este ano se evidencia de forma tão contundente estas abordagens?

É preciso considerar que toda curadoria é um exercício, né? É um exercício de reunir diferentes falas, diferentes enunciados de natureza poética em torno de um eixo conceitual, em torno de uma ideia central. E a ideia central deste ano é olhar para a coleção do Diário Contemporâneo de Fotografia, construída ao longo dos 12 anos e quando a gente olha para uma obra, a gente tenta compreender a potência dessa obra de se resignificar ao longo da história. E, claro, quando eu olhei para a coleção, identifiquei diversas possibilidades de discussão e considerei, por tudo que a gente está vivendo, inclusive de ameaças de garantias constitucionais, esse momento tão triste, que seria muito importante a gente ter uma coleção à serviço de algumas pautas que eu considero urgentes.

E como se deu essa seleção?

Então, foi nítido perceber questões ambientais, questões ligadas a etnias ou raças, questões sociais. Selecionamos alguns trabalhos da coleção que se colocassem como indutores dessas questões para a partir deles reunir convidados, levantar um número de artistas convidados que pudessem se aproximar dessas obras da coleção, criar zonas de interseção, mas nem sempre apaziguantes, ora como zonas de atrito, ora de convergência, mostrando também esse papel da arte que é um papel de, digamos, de um espaço de construção de ideia a partir de diferentes pontos de vista, do reconhecimento como o território do contraditório, então diferentes opiniões se colocando, se reunindo em torno de um grupo de imagens.

São mais de 10 anos do DCF e em 2016 foi instituída a Coleção. Como foi se debruçar nesse acervo para se ter esse fio condutor para dialogar com os convidados?

O desafio de olhar para uma coleção desse porte claro que é enorme, mas acho que tomei como base o nosso

momento: como pensar essa coleção hoje? Nos dias de hoje, com as questões que se colocam, como compreender a arte como esse instrumento que constrói sentidos, que convoca as pessoas a refletirem sobre determinadas questões? Tomei como referência uma publicação de Didi Huberman [filósofo e historiador da arte francês] que o título é “Quando as imagens tomam posição”. E, nessa publicação, Huberman se debruça no trabalho desenvolvido por Bertolt Brecht [dramaturgo e poeta alemão] entre os anos 1932 até 1955, um pouco o período que antecede à ascensão do nazismo, e Bertolt Brecht enquanto dramaturgo, com o olhar bastante crítico em relação às questões sociais e judeu, se recua e para um pouco a sua produção no campo do teatro e pega uns cadernos e começa a trabalhar com colagens de imagens, em que ele colhe essas imagens de diferentes procedências – da imprensa, de um livro, de um recorte artístico... e ele coloca as imagens nos álbuns dele lado a lado justamente para criarem zonas de tensão, de reflexão. E eu lembrei logo do trabalho do Brecht e das reflexões do Didi Huberman para conduzir a curadoria.

De fato, está bem delimitado na mostra da Casa das Onze Janelas, “Desejos pessoais, pulsões coletivas: quando as imagens tomam posição”.

Sim, há uma intenção de se pensar também como esse trabalho é recebido e como ele reverbera no coletivo. Por isso, a seleção dos convidados se deu a partir de eixos temáticos, para dialogar com determinados trabalhos. E saí procurando pelo Brasil todo, a partir de prospecções que eu já havia feito ao longo dos meus anos de trabalho, diferentes falas. Eu achava importante, por exemplo, ter uma fala trans, ter uma fala negra, ter uma fala indígena... que por muito tempo se colocaram como sendo referidas por outro alguém. Na exposição [na Casa das Onze Janelas] o público também pode se colocar em relação a isso, compreendendo que toda obra, todo enunciado, é parcial, ele parte de um determinado ponto de vista, a partir de um determinado recorte... Então, do mesmo modo, quem aprecia também traz todo seu repertório, suas questões para se encontrar com aquela imagem.

DIÁLOGOS PARA REFLETIR

O 12º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia traz como ponto de partida o encontro entre obras do acervo da coleção do projeto e de artistas convidados para elucidar alguns questionamentos como: o que deste encontro poderá ser revelado? A decisão por este formato, sem edital de convocatória como em edições anteriores, foi pensada por conta de ainda estarmos em período de pandemia.

Com isso, o projeto centra a atenção na sua coleção, a Coleção Diário Contemporâneo de Fotografia, construída ao longo de mais de uma década, composta por mais de 45 artistas de diversas regiões do Brasil, e abrigada em dois museus públicos, Casa das Onze Janelas e Museu da UFPA, o que formata a mais relevante coleção de fotografia contemporânea da região norte, e uma das poucas do país com esse recorte curatorial.

“O Diário Contemporâneo não é um evento, é um projeto de maior durabilidade que produz para a cidade um acervo importante de fotografia contemporânea, em constante crescimento. Sua coleção é um bem público, pois pertence aos museus, está disponível à visitação e à pesquisa e por isso trata-se de um projeto político, que busca envolver a comunidade de artistas, pesquisadores, estudantes e professores de arte”, frisa o curador geral do Diário Contemporâneo de Fotografia, Mariano Klautau Filho.

Virtual + educativo

A edição deste ano tem ainda um “tour virtual” das mostras, que disponibiliza as exposições no formato digital no site do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, além de encontros e debates virtuais com a equipe de curadores e artistas. E nos museus, uma equipe interdisciplinar de mediadores receberá o público para visitas guiadas como o programa de ação educativa, para possibilitar aos visitantes novas experiências estéticas, novos olhares sobre as obras, sobre arte.

A QUESTÃO GUIA

Encontros virtuais “Diálogos DCF” reúnem artistas das mostras 2021 para responderem perguntas instigantes e necessárias. Bate-papos serão realizados no YouTube do projeto.

Para discutir questões relacionadas às obras apresentadas nas duas mostras da edição 2021 do Diário Contemporâneo de Fotografia, será realizada a programação virtual “Diálogos DCF” com os artistas e curadores, em formato de bate-papo virtual por meio do YouTube do projeto, sempre às 20h, até o mês de dezembro.

“É importante ouvir os artistas e suas motivações, o processo criativo”, destaca Alexandre Sequeira. Confira a programação completa no site www.diariocontemporaneo.com.br e nas redes sociais, Instagram e Facebook @diariocontemporaneo.

A partir de perguntas indutoras, os participantes serão convidados a debater e interagir com o público. A programação é estruturada pelo comitê científico formado por Savio Stoco, Ceci Bandeira e Heldilene Reale. “Desde o ano passado temos o desafio de fazer a programação virtual, que é um formato que é possível fazer com mais segurança, e este ano optamos por pensar eixos de discussão a partir da proposta curatorial”, explica Ceci Bandeira.

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO:

03/11, 20h

Diálogos DCF #1

**Gabriela Massote (RJ), Keyla Sobral (PA)
e Lau Baldo (RS)**

Mediadores: Alexandre Sequeira e Heldilene Reale

08/11

Diálogos DCF #2

**Alex Oliveira (BA), Beatriz Paiva (PA)
e Marcela Bonfim (RO)**

Mediadores: Alexandre Sequeira e Ceci Bandeira

10/11

Diálogos DCF #3

**Flavya Mutran (PA/RS), Renan Teles (SP)
e Hirosuke Kitamura (JP/BA)**

Mediadores: Mariano Klautau Filho e Savio Stoco

15/11

Diálogos DCF #4

**Sara não tem nome (MG), Roberto Bassul (RJ)
e Erick Peres (RS)**

Mediadores: Alexandre Sequeira e Heldilene Reale

17/11

Diálogos DCF #4

**Paulo D’Alessandro (SP), Julia Milward (DF)
e Marcílio Caldas (PA)**

Mediadores: Ceci Bandeira e Savio Stoco

SINOPSES DAS OBRAS

Desejos pessoais, pulsões coletivas - Quando as imagens tomam posição

Curador convidado: Alexandre Sequeira

Casa das Onze Janelas

Obras da Coleção Diário Contemporâneo de Fotografia

Textos de Mariano Klautau Filho (com adaptações)



Derrelição

Daniela Alves e Rafael Adorján, RJ, 2013

Acervo Casa das Onze Janelas

Intervenção no espaço-tempo de uma ruína. A série fotográfica, na qual uma mulher passeia entre os escombros de uma casa em demolição, tem tratamento cromático sóbrio, precioso na composição e distendido na narrativa. Assume força final em sua dimensão performática, pois jamais se mostra um elogio à ruína, e sim um exercício de enfrentamento das memórias em meio ao desamparo. O termo que dá título ao trabalho é o mote dos artistas para pensar o sentido de existência ligado ao lugar que habitamos. Na inexistência desse lugar, quais os novos sentidos possíveis a serem inventados no estado de abandono? (catálogo 4º DCF, 2013)

Ao Lado

Diego Bresani, DF, 2014

Acervo Casa das Onze Janelas

O trabalho incorpora a encenação como poética num lance de olhos e de memória. Com apuro, beleza e técnica, o artista refaz uma imagem fugidia, um instantâneo do cotidiano; cenas banais agora reprogramadas com artifício teatral. Tudo construído, organizado e, no entanto, movido por um fenômeno da percepção como ponto de origem. Extraídas de uma observação sobre o cotidiano, sobre acontecimentos ordinários vistos de relance de dentro do carro, as cenas são reorganizadas graças à memória fotográfica do artista. Dessa forma, Bresani põe as cenas novamente em funcionamento, ressaltando suas lacunas e silêncios no contato com o espectador.





Renomes

Julia Milward, DF, 2019

Acervo Casa das Onze Janelas

A artista busca no retrato de mulheres em colunas sociais dos anos 1950 e 1960 o detalhe gritante nas legendas que as identificam pelo sobrenome dos maridos – embaixadores, chanceleres etc - , costume na época, associado ao glamour e poder. Milward se apropria dessas imagens, aumenta suas dimensões e interfere na materialidade do suporte do papel escondendo os rostos das mulheres, anulados por nomes masculinos. Ao apoderar-se de documentos naturalizados pela elite, a artista os transforma plasticamente em um contra-discurso cujo alcance político é revelador da tradição das classes dominantes brasileiras.

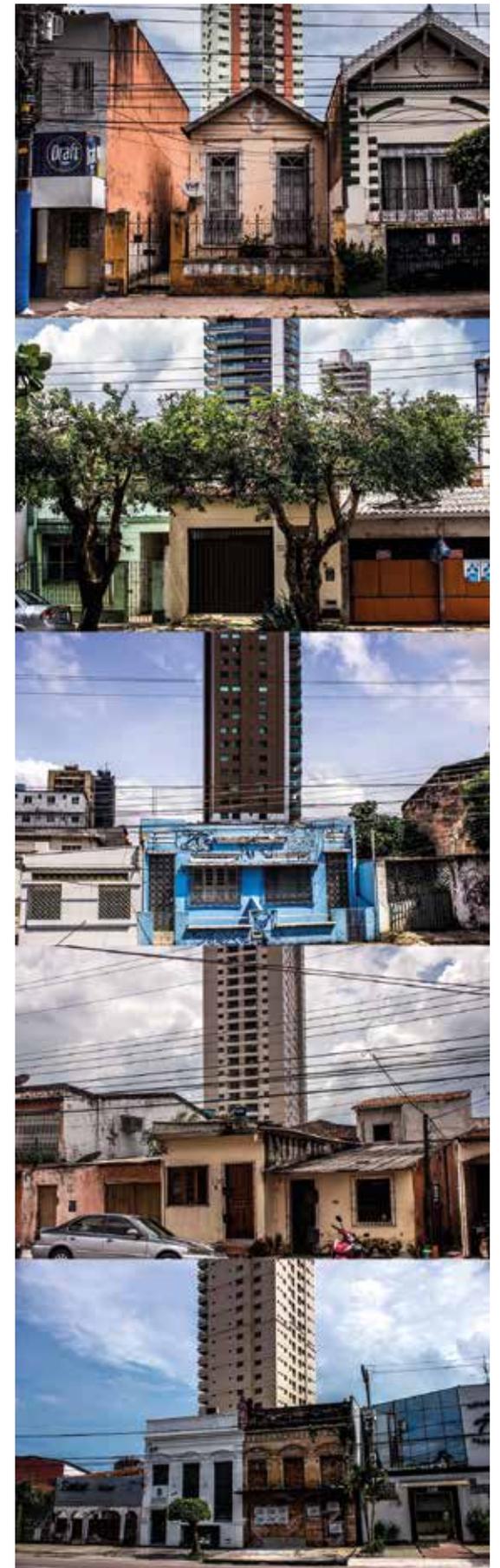
Amazônia

Rodrigo José, PA, 2019

Acervo Casa das Onze Janelas

A série se apresenta em clássico preto e branco intitulado simplesmente Amazônia, recorte de seu livro lançado em 2018. Tudo é bonito, quieto, comum e contemplativo nesta aparente tradição. No entanto, vê-se um exercício sutil sobre a própria representação, em pequenas ironias na invenção de uma Amazônia granulada, tediosa e à moda da fotografia norte-americana dos anos 1950. A atmosfera, enganosamente romântica, é atravessada por cercas de arame, chaminés, marcas de abandono. As paisagens pictóricas e os mapas dentro das imagens colocam o trabalho em outra perspectiva na qual alternam-se crítica à Amazônia idealizada e certa reverência à tradição documental que a idealiza.





Empalamento

Marcílio Caldas, PA, 2015

Acervo Casa das Onze Janelas

O trabalho de Marcílio Costa ocorre na superfície concreta da arquitetura urbana e potencializa uma escrita sobre o tempo. Marcílio registra frontal e simetricamente a fachada de pequenas casas como uma espécie de catalogação de moradias modestas da classe média. A simetria e o rigor da frontalidade faz emergir uma radical dominação da especulação imobiliária. Marcílio Costa consegue, em Empalamento, alinhar o ponto de vista e flagrar a violência com que os edifícios estreitos e altos surgem na horizontalidade das casas, rasgando-as por dentro, na experiência do ângulo e da composição



Balaclava

Randolpho Lamonier, MG, 2014

Acervo Casa das Onze Janelas

A série iniciou-se durante a Copa das Confederações, em 2013, inserindo-se na complexidade dos embates travados nas ruas do país. O artista circula pelos bastidores de parte de movimento político e social que arregimentou multidões, sem ter exatamente uma ideia centralizada por um ideal mobilizador. Nascidos de várias reivindicações, sem levantar uma bandeira partidária específica, esses atos políticos proliferaram-se pelo Brasil. Lamonier viajou por Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo para fotografar os Black Blocs, grupos mascarados, que se destacavam nas passeatas. Na contracorrente, interessava-lhe menos o que ocorria nas ruas e mais a intimidade daqueles que escondiam seus rostos em meio à massa humana. Apesar de mantida a identidade oculta, a intenção era reverter sentidos, substituir (ou esvaziar) o ato violento pelo aconchego do ambiente doméstico. Com humor cáustico, questionava a ambiguidade dos papéis identitários, diminuía a distância entre o gesto agressivo e o ato lúdico, quase inocente, de posar para fotografia.

[No Logo] Da Série Subtraídos

Péricles Mendes, BA, 2011

Acervo Museu da UFPA

As imagens de Péricles Mendes promovem um esvaziamento da informação publicitária contida nos outdoors. Em [No Logo], o artista retira, com o uso de baixas velocidades da câmera, todos os elementos que constituem a propaganda colada na placa do outdoor. Com isso, ruas e estradas marcadas pelos referenciais de consumo dos grandes painéis perdem seu sentido e imprimem à paisagem um silêncio estranho. O apagamento da publicidade não só suprime um mundo colorido do consumo, mas transforma esses grandes equipamentos que são as estruturas dos outdoors em esculturas gigantes; monumentos esvaziados de sentido ou prestes a absorver outros signos na paisagem urbana. (catálogo 2º DCF, 2011)





Reflexões II

Mateus Sá, PE, 2010.

Acervo Museu da UFPA

Irreverente e expansivo, Reflexões II de Mateus Sá une fotografia, performance e ação urbana num misto de humor e crítica que se inscreve como um ato de mapeamento na cidade. Com galhos de árvores nas mãos, o artista sai às ruas caçando os troncos decepados das árvores urbanas. Quando os encontra, sobe neles e tenta equilibrar-se num ato gentil e legítimo de quem adere à natureza, defendendo ser parte dela. Como gesto político, ao mapear uma devastação secreta no traçado das cidades brasileiras, Sá não perde a leveza. Seu movimento de corpo no meio da cidade o transforma numa árvore ambulante à procura de raiz. O sentimento de dor mencionado pelo artista injeta no trabalho um compartilhamento audaz com o meio ambiente e uma autenticidade na ação quando tensiona as linhas de força entre a fotografia e a performance: “Essa dor motiva a interagir diretamente; colocar-me na situação...”. (catálogo 1º DCF, 2010, texto atualizado)



Santos sem rosto, Igreja Madre de Dios, Vigia

Geraldo Ramos, PA, 2004

Acervo Museu da UFPA

Geraldo Ramos (1950-2020) figura entre os fotógrafos mais atuantes do Pará desde a década de 1980. De formação documental, ele dirige sua atenção especialmente aos ambientes interioranos e ao universo da cultura popular. Seu acervo é composto de imagens sobre as manifestações nas cidades do interior do estado e da cultura visual dos mercados e tabernas da periferia de Belém. A seleção realizada para a sua individual Interiores, quando Geraldo foi o Artista Convidado do 8º Diário Contemporâneo, incluiu as duas fotografias intituladas Santos sem Rosto em cujo teor descritivo subjaz um drama impregnado na decadência física e simbólica das imagens religiosas



Lago do Esquecimento

Paula Sampaio, MG/PA, 2011-2013

Acervo Casa das Onze Janelas

As três imagens selecionadas para a 12ª edição fazem parte de um conjunto significativo do ensaio de Paula Sampaio sobre a floresta fossilizada existente no Lago de Tucuruí, paisagem deteriorada pela construção da hidrelétrica no Pará. Em Lago do Esquecimento emergem espectros monumentais, objetos escultóricos, plantas-bichos, árvores-homens, cujas formas revelam o sufocamento a que todos somos submetidos pelo domínio econômico devastador sobre a vida das comunidades amazônicas.

Terrane

Ana Lira, PE, 2018. Livro de artista

Acervo Casa das Onze Janelas

Um diálogo com a trajetória das cisterneiras do semiárido brasileiro. Homens migravam para outras regiões em busca de trabalho e não retornavam. Ficavam mulheres e crianças à mercê de uma cultura que dificultava a atuação daquelas em profissões de construção, carpintaria, transporte. A Casa Mulher do Nordeste (CMN) é uma reação à essa cultura que as estagnava em trabalhos que não condiziam com o cenário socioeconômico da região. Centenas de cisterneiras foram formadas. Porém, a falta de espaço no mercado de trabalho e os silenciamentos seguidos produziram um hiato de 10 anos sem formações até o retorno em 2017. O livro de Ana Lira incorpora não só a história dessas mulheres como também a relação da artista na convivência com a comunidade a partir de narrativas que entrecruzam imagens e objetos. (texto tabloide 2018)



OBRAS DE ARTISTAS CONVIDADOS

Textos dos Artistas



Pseudo-indígenas

Ana Mendes, RS, 2019

“Pseudo-indígenas”; por Ana Mendes; 2019; ascendendo as pautas de ao genocídio das populações indígenas no centro do debate racial; a partir do estreito convívio e documentação das vulnerabilizações dirigidas a esses corpos-imagens; atravessados; sobretudo; em suas próprias identidades na defesa de seus legados, memórias e territórios; demarcados na proposição reflexiva do ensaio; numa espécie de imagens-interferências surgidas também das relações criadas pela fotógrafa e cientista social com esses povos retratados; na potencialização do alcance dessas vozes espalhadas; agora; reorganizadas no plano de dentro da fotografia; e absorvidas em carvão e nanquim; como um autêntico grito da floresta contra os violentos avanços de um modelo predatório de desenvolvimento e do próprio imaginário Brasil-Colônia.

Para Além

Beatriz Paiva, PA, 2020

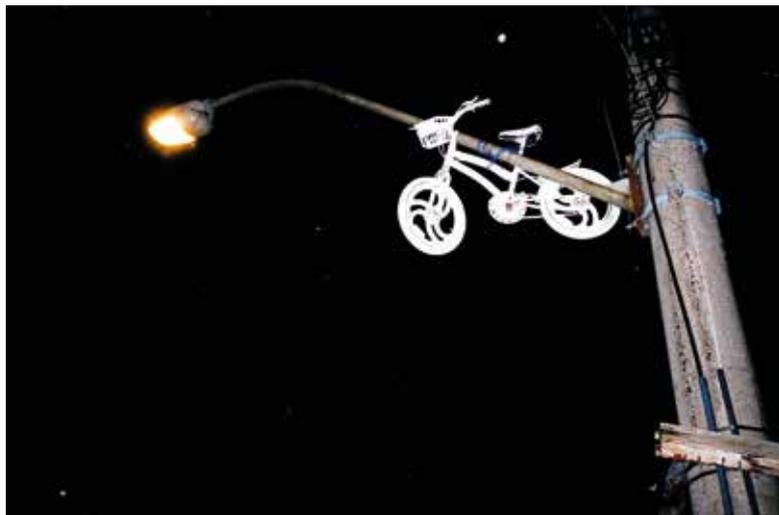
O trabalho intitulado como “PARA ALÉM” tem como início o meu incômodo de um dia ter ouvido que “nem és tão negra assim” e “tu podes ser considerada parda”, por eu ser uma mulher negra de pele clara. O trabalho discute sobre questões raciais e de gênero ao usar a imagem de pessoas negras e LGBTQIA+, em sua maioria mulheres em saturação avermelhada fazendo alusão ao vermelho ser uma das primeiras cores que desaparece com a luz do sol e fazendo referência às violências que nós sofremos diariamente, por sermos subjugadas e isentas de privilégios sociais. É pensado para ser exposto em plataformas que são utilizadas dentro da arte urbana, como o lambe lambe e o zine, que são ferramentas de democratização artística.



S/T

Davi de Jesus do Nascimento, MG, 1940-2021

O trabalho é um mexidão ou emboloso ou veia de rio visto de cima da ponte tamarindeiro.



Fim da Cidade

Erick Peres, RS, 2021

Ao olhar para o horizonte, em direção à zona leste, ao fim da cidade, existe um lugar. Um lugar demarcado por diversas torres de ferro que podem ser vistas a distância, espalhadas por todo morro, invadindo o terreno das casas, torres envelhecidas e tomadas pela natureza com o atravessar do tempo. Dizem que ao fundo pode se ouvir e descobrir, em um grande alvoroço de pandeiros, tambores e cavaquinhos, um lugar de uma realidade tão desafortada, que beira o realismo fantástico. Uma realidade que rimada entre a melodia sentimental de uma letra de pagode, determina cada instante de incontáveis mortes cotidianas, que de tão banais, endurecem pessoas que se acostumaram a viver com as marcas da ausência. Entre amores, perdas e luto, dizem que esse lugar pode ter vários nomes, um deles é a vila Ipê 1. Ipê significa “árvore de casca grossa” ou “madeira que flutua”. Lá, uma vida pode se encerrar pelo valor colocado no brilho de uma corrente ou por apenas um olhar atravessado. Há também a lenda de um maço de cigarros muito especial, vendido unicamente em um bar com letreiros pintados a mão em sua fachada, onde homens com filhos visitam e nunca mais são vistos. Mas, ainda assim, o tabagismo não diminuiu na região. Seu Futuro, dono de um boteco no lugar, é a prova disto, pois um dos seus itens mais vendidos continua sendo o cigarro Gift avulso, depois do litrão de cerveja, claro. Pessoas do centro da cidade, dizem que lá, não mora ninguém, não passa ninguém, não vive ninguém, mas certo dia ouvi um menino dizer que na verdade ele é mantido em segredo para guardar a preciosidade da sensibilidade que parece ainda se manter por lá. Prefiro manter a ingenuidade dessa crença, pois dizem ser um território tão único, que grupos disputam para conquistá-lo. No meio do ano há uma trégua, onde é realizada uma partida de futebol entre estes grupos rivais, na quadrinha de uma praça, terminando em um pagode em um conhecido bar local. Esse dia sim é um dos mais especiais. Bombas, tambores, rojões, mas nenhum som de tiros neste dia. Talvez pela oração de senhoras como dona Ana Nisa, que acende uma vela e se ajoelha na beira do beliche de sua pequena casa com a mesma religiosidade que ouvi Roberto Carlos em seu antigo toca fitas. Seu filho, Luiz, certo dia gravou por cima da fita do Roberto Carlos uma música do Racionais, depois disso foi obrigado a frequentar a igreja todo sábado. Luiz era o único de seus amigos que ainda não tinha filhos, Demetrius, Adriano e Luana já eram pais e mães, mas seus pais foram mais um desses que foram em busca do maço especial de cigarros e nunca mais foram vistos. Talvez por isso o receio de Luiz em ter filhos, era fumante, tinha medo de sumir também.

Pontes

Gabriela Massote Lima, RJ, 2019

substantivo feminino.

1. Obra construída para estabelecer comunicação entre dois pontos separados por um curso de água ou qualquer depressão do terreno.

2. Qualquer estrutura que liga duas partes homólogas.
Sob o cenário da Golden Gate, dois estranhos se aproximam. Dois pontos antes separados agora têm a possibilidade de encontro. Uma forma de comunicação é inventada. Uma ponte entre eles é criada.

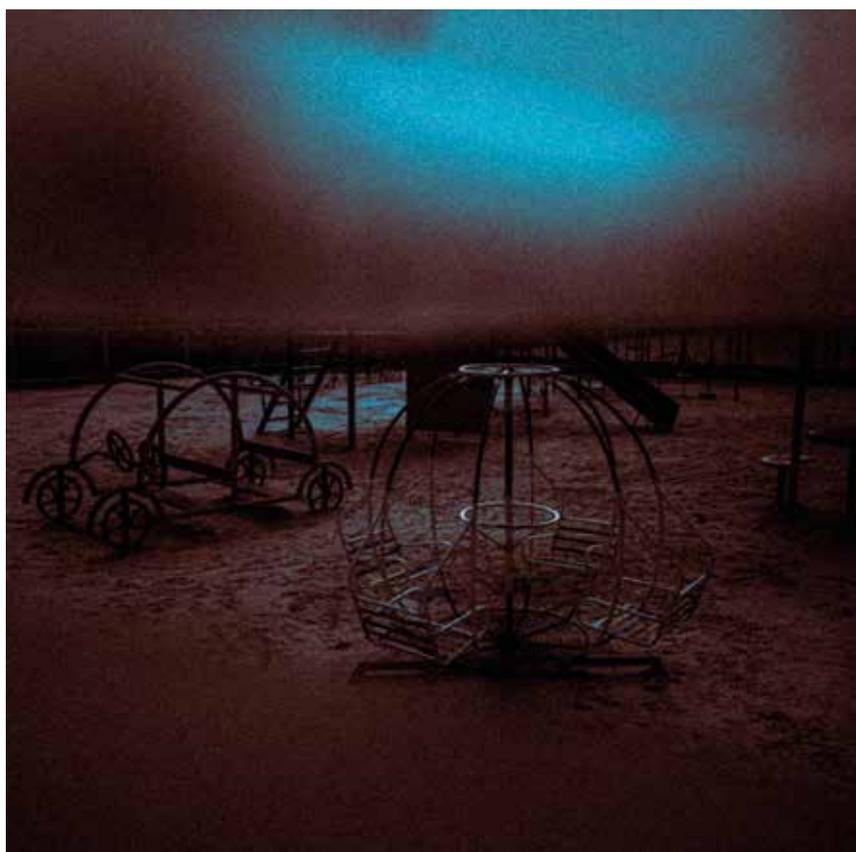


Comunidades colhedoras de flores Sempre - Vivas do norte de MG

João Roberto Ripper, MG, 2021

Ensaio fotográfico que registra o cotidiano de comunidades colhedoras de flores sempre-vivas na Serra do Espinhaço, norte de Minas Gerais. A colheita das flores é o centro da vida da gente que vive na região, gente acostumada a se guiar pelo ritmo dos ciclos da natureza. Na época das colheitas, famílias inteiras vão para o alto da Serra. Montam moradia nas cavernas que lhes dão sombra – chamadas de lapas – e passam ali cerca de três meses. É quando acontecem os encontros, reencontros, a alegria da festa, casamentos e nascimentos. As comunidades de colhedores sofrem permanente ameaça dos avanços da monocultura de eucalipto, da produção de carvão mineral, da mineração de quartzito e de fazendeiros, que ameaçam sua permanência no território tradicional. A partir da documentação fotográfica e de sua circulação, a agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação/FAO distinguiu a prática dessas comunidades com o registro de Patrimônio Agrícola Mundial.





Série O Sol só vem depois

José Roberto Bassul, RJ, 2020-2021

O sol só vem depois é o refrão de A ordem natural das coisas, música de Emicida. Ao abordar as dificuldades de quem vive nas periferias e sai para trabalhar ainda de madrugada, a canção valoriza as singelas relações de afeto que a noite abriga. Expõe as injustiças do mundo sem se desfazer da poesia. Feitas durante a pandemia, evidência trágica de um colapso de prioridades e excessos, ou resgatadas de arquivos antigos, as fotografias da série adotam um tom distópico. São imagens de elementos urbanos que evocam sonhos perdidos. Reflexos de circunstâncias nas quais, individual ou coletivamente, enfrentamos perdas, derrotas, frustrações, desencantos, medos. Praças e parques desertos, quadras de esporte sem uso, ruas vazias, moradas demolidas, caminhos escuros e incertos e outros signos de abandono são permeados por certo lirismo, por réstias de luz. Como se as noites soubessem que o sol só vem depois...

Voyage-Voyage, da Série Desenho em Movimento, 2021

Derby, da Série Desenho em Movimento, 2021

Página Virada, da Série Desenho em Movimento, 2020

Diluidora de Mágoas, da Série Desenho em Movimento, 2021

Me erra, da Série Desenho em Movimento, 2021

Isso são meus segundos que te dou, Led, 2021

Keyla Sobral, PA

São 05 trabalhos em desenho (gif), da Série Desenho em Movimento (2020-2021) e 01 Led “Isso são meus segundos que te dou”, 2021; que vem abordando narrativas autoficcionais, onde a palavra e o desenho estabelecem diálogos. Um mundo particular numa fronteira entre realidade e ficção a qual o espectador é convidado a percorrer.





TransAfetos

Lau Baldo, RS, 2021

Sobre nossos corpos trans, travestis, não-binários são construídos símbolos de monstruosidades e abjeção. Sobre nós recai o preconceito, a violência; o ódio ao “diferente”. Essas construções sociais tentam nos colocar no lugar de menos humano a partir de noções cis-hétero-normativas (a ideia de que só corpos cisgêneros e heterossexuais são válidos e humanos). Esquecem-se que, assim como as pessoas cisgêneras, pessoas travestis e trans também sentem afeto, e mais importante do que isto, também necessitam receber afeto em troca. Assim fica o meu questionamento: Quem nos ama? Quem está disposta a nos ajudar a curar esse mal da solidão, do esquecimento e do abandono? TransAfetos surgiu a partir de confrontos que sentia quando estava em alguma relação, sempre me colocando em um lugar de comparação e me sentindo insuficiente para estar com alguém. TransAfetos é um manifesto a toda essa problemática. Busco dentro desses ensaios mostrar as diversas possibilidades de se sentir amado, desejado e criar laços como qualquer outra pessoa. Busco nesses espaços o acolhimento e o amor!

(Re)conhecendo a Amazônia Negra: povos, costumes e influências negras na floresta

Marcela Bomfim, RO, 2014/2016

Tocar a presença e o legado das populações negras na Amazônia significa apropriarmos-nos de parte fundamental da história do Brasil, também submersa à escravização da humanidade dos corpos africanos, a partir da segunda metade do século 18, com o deslocamento em massa de populações de Vila Bela da Santíssima Trindade para o Vale do Guaporé, no período em que Rondônia ainda era território do Mato Grosso e do Amazonas. À época, tais deslocamentos populacionais serviam à estratégia de exploração do ouro e à construção do “Forte Príncipe da Beira” (RO), entendido como área de “defesa” das fronteiras territoriais. Uma marcante forma de “(in)visibilidade” ocorreu/ocorre no esteio de uma regionalização do Corpo Negro, a ponto de se tentar reforçar a ideia das “raízes negras” apenas restritas à região nordeste do Brasil. Encontrar uma Amazônia da cor de minha pele, diferente do que eu imaginava, me permitiu acessar lugares que nunca pensei existir. Vivenciar esses lugares — esses muitos lugares — que constituem a Amazônia, me despertou a consciência das diversas formas de (in)visibilidade cultivadas nesse território, quase todas relacionadas aos povos originários, aos indígenas que vão sendo “apagados no tempo” pelos recém-chegados “pioneiros” — numa tentativa neocolonial de cristalizar um marco zero, posterior à história das origens da Amazônia.





Retirada Violenta/O Ebulho Possessório

Nilmar Lage, MG, 2017-2021

Parece confortável a mim propor “Retirada Violenta”, simplesmente porque eu não a vivo. Mais confortável ainda é ignorar a retirada violenta, simplesmente porque eu não a vivo. Atitudes de empatia, respeito e cumplicidade não deveriam causar tanto incômodo. O esbulho possessório é a retirada violenta do legítimo possuidor de um imóvel seja residencial, rural ou comercial. Neste processo, além de trabalhar com pessoas retiradas de seus imóveis pelos rompimentos das barragens de Fundão e Córrego do Feijão em Minas Gerais e comunidades indígenas do Paraná, retiradas de suas terras para a construção de Itaipu, estendo esse conceito de retirada violenta para violações de garantias fundamentais. Comunidades tradicionais quilombolas que lutam pelo reconhecimento de suas terras, acampamentos e assentamentos rurais e urbanos assistidos por movimentos sociais como o MST e o Brigadas Populares, além das famílias do semiárido mineiro, que por condições climáticas e má vontade dos políticos, não têm acesso à água. Retirada Violenta é a continuidade da pesquisa apresentada em meu fotolivro “Corpos Conflitantes”, lançado de maneira independente em 2017.

A bigger splash, 2018. Close Up, 2017. Cena, 2002

Paulo D’Alessandro, SP, 2002 e 2017-2018

Os trabalhos de Paulo D’Alessandro fazem parte de um grande arquivo resultante de sua lida como documentarista de diversos eventos sociais e culturais na cidade de São Paulo. Ao captar os gestos expansivos das festas e encontros, o artista se torna um diretor de cena, um organizador dos personagens dentro do quadro, imprimindo em suas performances corporais certa teatralidade. As imagens de D’Alessandro promovem um deslocamento da vida real para atmosferas de ficção onde a fotografia documental migra em planos e camadas para uma poética cinematográfica. Suas cenas arrebatam porque liberam-se do documento mas continuam a exercer tais funções. Extraídas de um instante da vida, potencializam-se como um enunciado narrativo autônomo. (Mariano Klautau Filho)





Margens/Seu Ladir e a Samaúma

Rochelli Costa, RS, 2012-2018

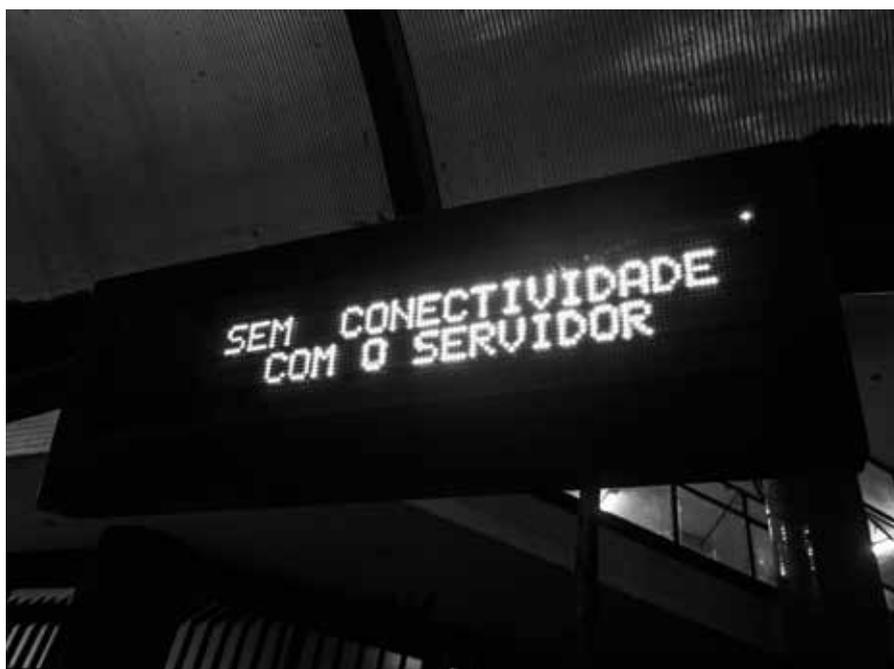
O trabalho aborda a vida dos cidadãos ribeirinhos da Amazônia, também chamados de beiradeiros. Trata-se de uma população quase invisível que vive na beira dos rios, às margens da floresta Amazônica e subsiste da pesca, do extrativismo, do cultivo de pequenas lavouras ou da chamada marretagem (venda de produtos a bordo de embarcações). Os ribeirinhos são, na sua maioria, descendentes de sertanejos outrora levados para ali para trabalhar na extração da borracha ou no garimpo, e que, uma vez esgotados esses ciclos, foram abandonados à própria sorte por seus patrões. São íntimos da selva e manejam de seus benefícios com habilidade. Circulam com fluidez pelos rios e igarapés, por vezes trocam sua morada de lugar, pois não se consideram donos da terra que habitam, mas pertencentes a ela. Por isso tratam a natureza com respeito e prezam por sua preservação e permanência. As imagens, impressas em tecido maleável, trazem ao espaço expositivo a amplitude e a fluidez desse lugar sem endereço.

Circunstâncias

Ramon Reis, PA, 2020

“Circunstâncias” discute, na forma de vídeo, possíveis relações entre imagem e poder. A obra faz parte de um conjunto de trabalhos em desenvolvimento nos últimos anos que, em técnicas e materiais distintos, refletem sobre o fenômeno da desumanização na contemporaneidade. A criação do trabalho se deu a partir do meu contato com as fotografias produzidas pelo português Felipe Augusto Fidanza, no século XIX, no Pará. As imagens de pessoas negras criadas por ele representam um dos raros registros do contexto da escravidão na Amazônia. Fidanza é responsável por proporcionar uma das primeiras experiências fotográficas na região, portanto é um marco relevante na representação visual da vida no Norte do Brasil. Os detalhes dessas imagens me pareceram ter algo para dizer. Optei por realizar um recorte sobre olhares, mãos, pés descalços, adornos, objetos, detalhes que isolados e reconectados costuram uma camada mais profunda de significados. Elas são reconhecidas como um documento histórico, porém, neste trabalho, as manuseio como um documento emocional. No vídeo, as interpreto como um registro de nossa fragilidade diante do poder das imagens e do poder de quem as pode criar. Ao lidar com o olhar de Fidanza assinalo a conservação dos diversos contextos - sociais, econômicos, psíquicos, estéticos, etc. - que nos envolvem desde o princípio da presença negra nas Américas. Em “Circunstâncias”, proponho que o ato de ver, em si, aqui, seja entendido como a própria experiência artística.





Memórias, afetos. Urgência das ruas

Sara não tem nome, MG, 2011/2021

Um clima de tensão assola as cidades. Todos estão à espera. Não sabemos o que há por vir. As certezas se tornaram instáveis. O passo impensado é perigoso. Hora caminhamos sobre ovos, hora sobre pregos. As escolhas se comprimem, não há lugar para estagnação. Transitamos entre o desejo impetuoso e a apatia imóvel. O agora é fugaz. O tempo urge.

Território Indígena Sete de Setembro (Paiterey Karah) Paiter Suruí - Gente de Verdade Ubiratan Suruí, RR, 2011/2021

A fotografia de Ubiratan Suruí se apresenta como instrumento de documentação e denúncia dos desafios enfrentados pelo povo Paiter Suruí. Habitante da aldeia Lapetanha, na terra indígena Sete de Setembro, em Rondônia, Ubiratan se destaca como um fotógrafo indígena comprometido com a luta contra os avanços da fronteira do agronegócio sobre o território Paiter Suruí, situado no norte de Mato Grosso e sul de Rondônia. Sua atuação profissional inspira outros a, assim como ele, lançar mão da fotografia como instrumento de mobilização e conscientização da causa indígena.
(texto: Alexandre Sequeira)





No pôr do sol, a cigarra voa reto

Wilka Sales, MA, 2020

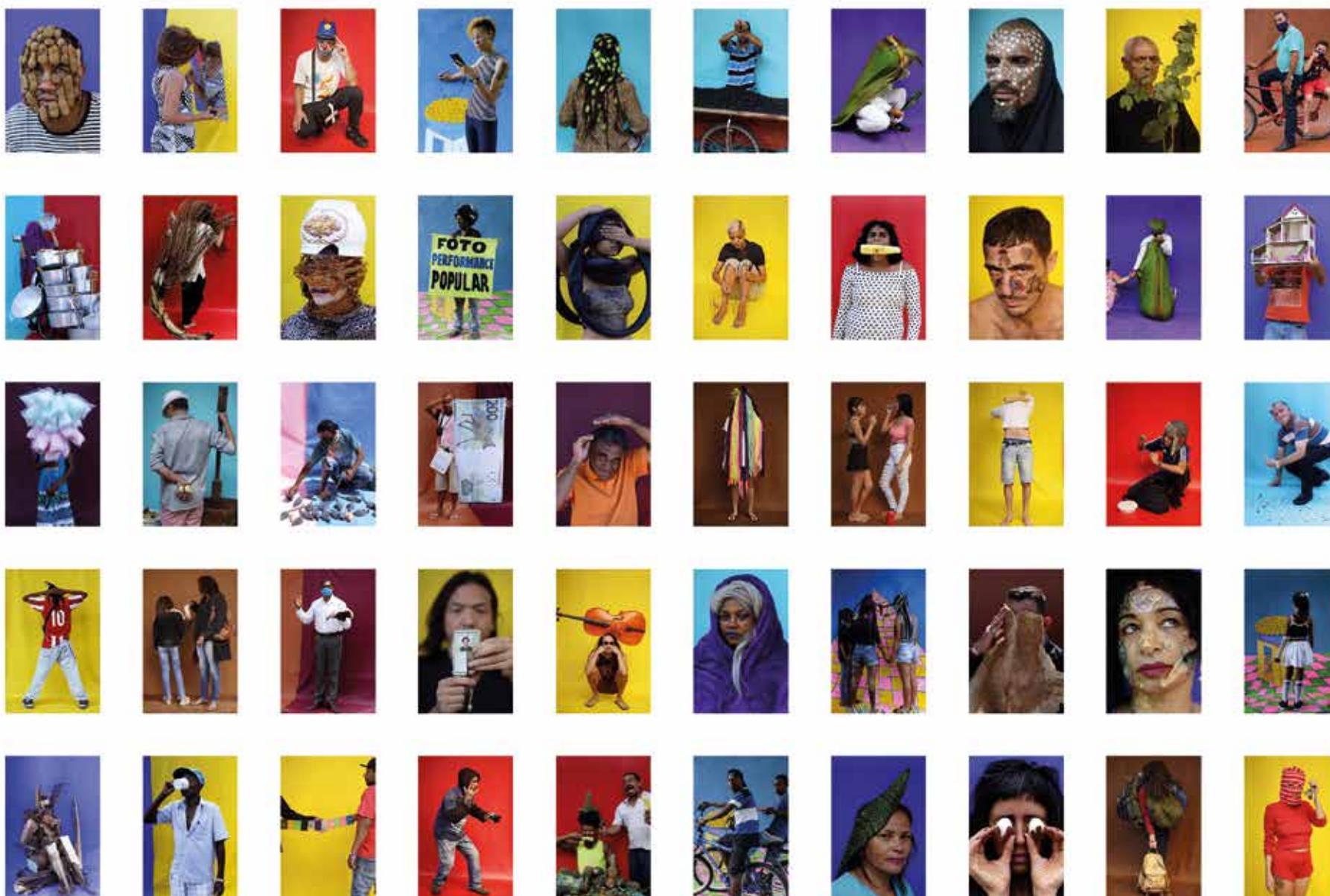
Escaneando poéticas, folhas, galhos, fotografias, raízes, rastros de memória genealógica, fragmentos de leituras da natureza num espaço de conversas entre sistemas autopoieticos dos seres vivos, para além do visível, para além da memória imaterial, material, orgânica e biológica estabelecidas pela relação social entre corpo, memória e lugar.

Serrinha Luz e Cores

Yuri Juatama, CE, 2018-2020

O trabalho tem como principal objetivo elevar a autoestima do bairro onde moro através de uma nova perspectiva imagética. O Projeto possui uma estética própria, são fotografias pictoriais e noturnas, que dialogam com a diversidade da periferia. É uma tentativa de retratar a identidade periférica cearense, trazendo em suas narrativas, temporalidade e signos do êxodo sertão-capital. A ideia também surge também como uma provocação e ressignificação da beleza da cidade, estamos acostumados a ver uma Fortaleza através dos lugares tidos como turísticos, que na verdade não dão conta da pluralidade geográfica e afetiva da cidade. Quando a periferia é mostrada quase sempre por um olhar distante que parte da sua vulnerabilidade social. Vamos crescendo e acreditando que nosso lugar não é bonito e especial, isso acaba afetando nossa autoestima, então de alguma forma esse trabalho é sobre resgate e representação do “eu” que encontro nas pessoas à minha volta.





Fotoperformance popular
Alex Oliveira, BA, 2019-2021

Em 2019, e agora em 2021, um estúdio fotográfico foi montado em plena rua, em uma área central e com grande circulação de pessoas, nas cidades de Belo Horizonte e Uberlândia, em Minas Gerais, e atualmente na cidade de Senhor do Bonfim, na Bahia, Brasil. O projeto contou com a colaboração dos moradores das respectivas cidades e das artistas Alice Braz, Cleiton Custódio, Larissa Dardânia, Malu Teodoro e Mariana Guerron. Transeuntes e trabalhadores do entorno são convidados a participar da criação de fotoperformances, potencializando pequenos gestos e objetos cotidianos, ideias, afetos, rotinas e instauram no espaço público uma performance coletiva com a força de uma intervenção urbana.

SINOPSES DAS OBRAS

Pulsões

Curador: Mariano Klautau Filho

Museu da UFPA

Obras da Coleção Diário Contemporâneo de Fotografia

Textos de Mariano Klautau Filho (com adaptações)

Webcasting/Live Streaming

Renan Teles, SP, 2013

Coleção DCF - Acervo Casa das Onze Janelas

Imagens de jovens, apropriadas da rede em cenas que misturam o quase infantil e o quase pornô. O trânsito entre as duas dimensões está na atitude de desprendimento dos personagens em meio ao cenário doméstico de quartos coloridos, garrafas plásticas de refrigerante, latas de cerveja, celulares. A brincadeira com as imagens incorpora o desejo e o sexo como expressão. Os aparelhos e os programas em rede funcionam como difusores de uma emancipação apoiada na autorreferência. O título remete ao nome do dispositivo que usa a webcam em tempo real. Ao deslocar as cenas virtuais para a o quadro fotográfico, o trabalho assume uma feição pictórica sem abrir mão das suas questões de origem: as cores saltam, os pixels se evidenciam e a banalidade ganha contornos diversos, pois o prazer dessas comunidades é misturar sem limites a manipulação dos aparatos, o poder das imagens postas em circulação e uma atitude autoerótica como expressão de identidade. (Mariano Klautau Filho, catálogo 4º DCF, 2013, atualizado)



Palimpsestos

Tom Lisboa, PR, 2013. Vídeo 2'42"

Acervo Casa das Onze Janelas

Tom Lisboa nos apresenta uma experiência em camadas a partir da seguinte pergunta: é a imagem que recria o texto ou é o texto que redefine a imagem? O artista toma como objeto duas páginas de jornal superpostas. Na primeira delas, temos a matéria intitulada “Protestos em série”. Por baixo do texto, esconde-se uma fotografia de manifestação de rua. O vídeo capta a ação do artista em pincelar com água a página de texto. Na medida em que o texto se encharca, surge, por trás, a imagem fotográfica na transparência do papel molhado. Lisboa realiza uma série de contrapontos entre verbo e imagem, entre fotografia e fato, entre movimento e fixidez, ressaltando não somente as implicações de um exercício intersemiótico, como também as contingências que envolvem o controle sobre a imagem e o discurso das notícias. Neste caso, as notícias são referentes aos emblemáticos protestos de 2013 que indiciaram a profunda crise democrática brasileira, adensada e em curso, pelo governo federal, de fisionomia fascista, eleito para o mandato de 2019-2022.



Egoshot

Flavya Mutran, PA/RS, 2012/2018

Acervo Museu da UFPA

A série foi construída a partir de diários fotográficos publicados na web, durante a pesquisa de mestrado em Artes Visuais na UFRGS. A artista propôs uma reflexão sobre relatos autobiográficos anônimos na era digital, abordando as conexões técnicas e históricas entre a palavra e a imagem como meios de autoexpressão nas Redes Sociais.



O Diabo no Corpo

Jorane Castro, PA, 1988

Acervo Museu da UFPA

A fotógrafa marcou a cena de Belém, nos anos de 1980, com um trabalho urbano, noturno e de forte teor ficcional. A partir de sequências, recortes de um cotidiano subjetivo e apropriações de pedaços de filmes, a artista já exercitava com a fotografia, naquela época, a experiência narrativa do cinema. Suas sequências colocam em ação tanto os personagens reais do cotidiano quanto aqueles encontrados no cinema de ficção. Em *O Diabo no Corpo*, Jorane Castro fotografa, interfere, satura e recombina imagens saídas das cenas do filme homônimo, dirigido por Marco Bellocchio em 1986, potencializando a força cromática da película e a intensidade sexual da personagem protagonizada por Maruschka Detmers.



Doce Obsessão Vol. 2

Hirosuke Kitamura, JP/BA,

em parceria com Kalor Pacheco, PE, 2018. Vídeo 6'51

Acervo Casa das Onze Janelas

Os vídeos de Hirosuke Kitamura são luxuriosos e arrebatadores. Suas narrativas capturam lugares e pessoas que constroem um retrato erótico e marginal do Brasil por meio de uma sofisticação fotográfica do melhor cinema contemporâneo, além de criar uma partitura sonora que imprime tensão à sensualidade. Doce Obsessão Vol.2 mostra um pedaço da vida de uma personagem transexual em uma região de prostituição em Belo Horizonte. Sobre o trabalho, o artista declarou: “Depois do prazer e da alegria sobra apenas solidão, sofrimento e angústia em sua vida noturna. Masculinidade e feminidade, facilidade e dificuldade, doce e amargo, fogo e água, ordem e descontrole. Vejo a mistura destes elementos opostos da vida humana concentrados nesta área. É a realidade presente na vida de qualquer um que encontramos em qualquer lugar da sociedade”. (tabloide, 8º DCF, 2017)



Morar

Coletivo Garapa, SP, 2012

Acervo Casa das Onze Janelas

O Coletivo Garapa apresenta Morar, sequência fotográfica na qual dois grandes prédios vão se apagando da paisagem. São os edifícios São Vito e Mercúrio, no centro de São Paulo, que por muitos anos abrigaram comunidades sem habitação. Em uma nova política municipal as famílias foram retiradas dessas ocupações. O Garapa acompanhou esse movimento desde 2008, e Morar, segundo o coletivo, é a “continuação de uma primeira experiência, que foi o registro do período de desocupação por parte da administração da cidade de São Paulo, e o testemunho da situação na qual os moradores do Mercúrio foram lançados naquela ocasião”. O caráter documental não nos deixa esquecer a ausência do Estado sobre a moradia urbana. Por outro lado, experimentamos os pontos de vista dos muitos moradores cujas vidas particulares foram, de algum modo, afetadas pelo desaparecimento visual de um elemento da paisagem corriqueira das suas janelas. A sequência é impressa em lambe, colado diretamente na parede. A materialidade do suporte traduz a precariedade da memória da paisagem urbana, a temporalidade dos cartazes de rua e o efeito de palimpsesto buscado pelos artistas. (catálogo, 3º DCF, 2012).



Permanência

Ana Mokarzel, PA, 2016

Acervo Museu da UFPA

O Casarão Camelier foi transformado em carcaça ao longo de décadas. O prédio se tornou invisível na paisagem da cidade apesar de sua especial localização às bordas do rio na área central de Belém. As imagens da artista são contundentes, limpas e desprovidas de qualquer efeito que possa atenuar a estrutura seca e enrijecida do prédio. Apesar da degradada, a edificação exibe uma força incomum de resistência, revelada nas imagens.



OBRAS DE ARTISTAS CONVIDADOS

Textos dos Artistas



Uroboro

Denise Gadelha, PA/SP, 2019. Vídeo 6'33

Artista convidada

Um castelo de sussurros ecoando angústias atemporais. Um canto de exorcismo; a lamúria cíclica. Nesta peça de videoarte o som é protagonista; o som é tratado como matéria adensada nas sobreposições de camadas oscilantes. O movimento da câmera também protagoniza a narrativa em espiral. O cenário muda a cada cena; o mesmo é sempre outro de novo. Registro em plano-sequência circular que sugere a correspondência entre ascensão e queda. Por se tratar da filmagem de uma ruína construída, o poder evocativo se abre a simbolismos diversos, sobretudo às marcas da herança colonial. O presente se alimenta do passado, propagando o eterno retorno, assim como o mito da serpente que devora a si mesmo pela cauda.

Visagens

Betania B, PA, 2013

Artista convidada

O Marajó obscuro de Betânia B. resulta do contato da artista com seus moradores e suas casas durante as noites em que convive com a atmosfera onírica marcada pelas lendas, “causos” e histórias de “visagem”, termo adotado pelos habitantes da região amazônica, tanto na cidade como no interior para nomear as assombrações. Neste conjunto de rostos, a artista faz uso de lanternas e realiza um trabalho documental em que o retrato atua como um jogo na dimensão misteriosa dos habitantes das noites marajoaras. (Mariano Klautau Filho)



Domingo

Paulo Mendel, RJ/SP & Vi Grunvald, PA/RS

Video 25'32”

Artistas convidados

O Projeto Família Stronger é um trabalho de investigação documental de narrativa transmídia sobre o coletivo Stronger que, tal como outras famílias LGBTQs, constrói formas de parentesco alternativas quando vistas a partir de concepções hegemônicas de família fundamentalmente marcadas pela ideia de consanguinidade. No lugar do sangue como símbolo que estrutura as relações, esses grupos formam comunidades imaginadas e coalizões que são, ao mesmo tempo, afetivas e políticas. Mendel e Grunvald dedicaram dois anos às filmagens do cotidiano do Stronger, na periferia de São Paulo, e o resultado da edição de um único dia de filmagem pode ser vistas nas duas telas que expõe Domingo. As imagens da reunião de família, em forma de almoço, são “cruzadas” com imagens insurgentes de uma manifestação de rua que marcou o conturbado cenário político contemporâneo no Brasil, na semana da deposição da presidente Dilma Rousseff em 2016.



Quaseilhas

Laíza Ferreira, PA/RN, 2018/2019

Artista convidada

Laíza Ferreira parte da ficção, de temporalidades não-lineares, memórias ancestrais e recriação de mundos através de fragmentos imagéticos ressignificados. Utilizando a colagem de fotografias, analógica ou digitalmente, apropria-se de imagens encontradas em arquivos pessoais, garimpos e sites de busca para a criação e reconexão de memórias ancestrais, num processo de decolonização da imagem, do olhar e linguagem fotográfica. (texto: site Galeria Janaina Torres)



Série Progresso

Victor Galvão, MG/SP, 2015 – Cartaz

Artista convidado

Um relato existencial sobre a crise das estruturas que organizam o espaço urbano.

Erosão

Victor Galvão, MG/SP, 2015

Vídeo 5'27"

Artista convidado

Em uma sequência de fotografias em 35mm, realizadas na região portuária do Rio de Janeiro em 2014, Erosão é a narrativa ficcional de uma personagem anônima que atravessa uma paisagem decadente, descrevendo a estranha forma que se sente consumir por aquele ambiente.



Correspondências

Victor Galvão, MG/SP e Randolpho Lamonier, MG, 2020.

Vídeos 7'03" e 6'24"

Artistas convidados

Em tempos suspensos, de pandemia e distância física, o artista troca correspondências em forma de vídeo com o amigo Randolpho Lamonier. As narrativas visuais e os textos, ao passo que revelam certo desamparo diante do futuro, assumem uma força poética de mútuo acolhimento pelos fortes laços de amizade.

(texto: Mariano Klautau Filho)

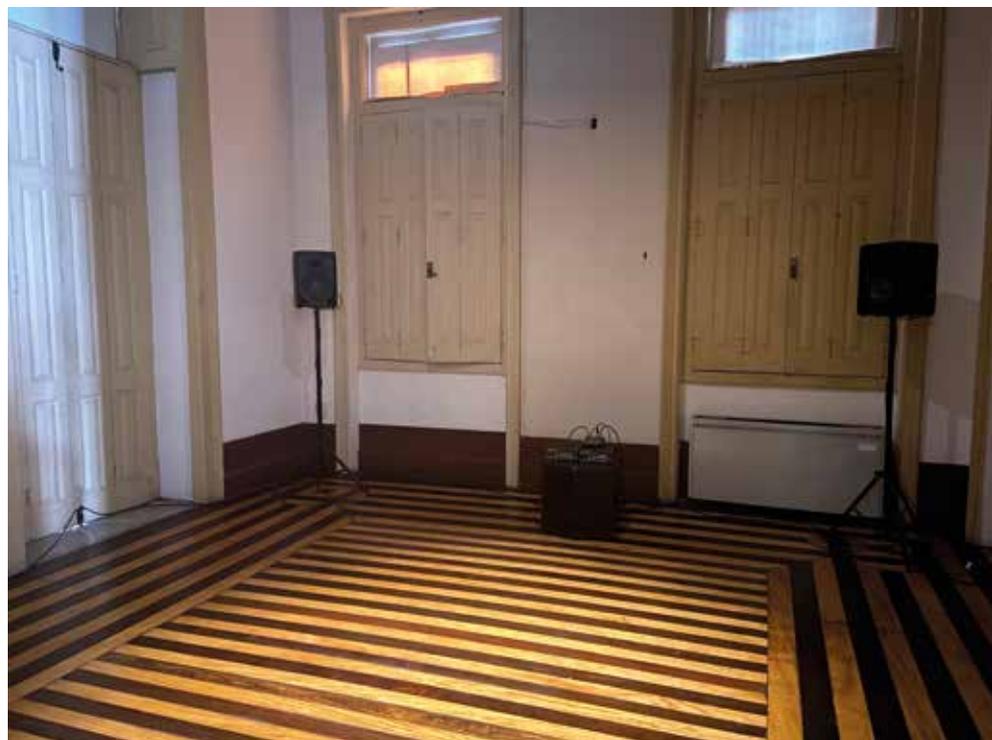
Divisão de Bens – Discurso de Aristófanes
2018. Vídeo 1'55".

Divisão de Bens – Lembrança partida
2018. Vídeo 2'49.

Patrícia Teles, RJ

Artista convidada

A série documenta a partilha de objetos de valor afetivo. Quebrar, cortar, rasgar, romper... a ação de dividir acarreta a destruição da unidade, a impossibilidade da reparação.



Concerto Intermitente

Waléria Américo, CE, 2019. Instalação Sonora 6'26".

Edição Sonora - Marcelo Rossas & Waléria Américo

Artista convidada

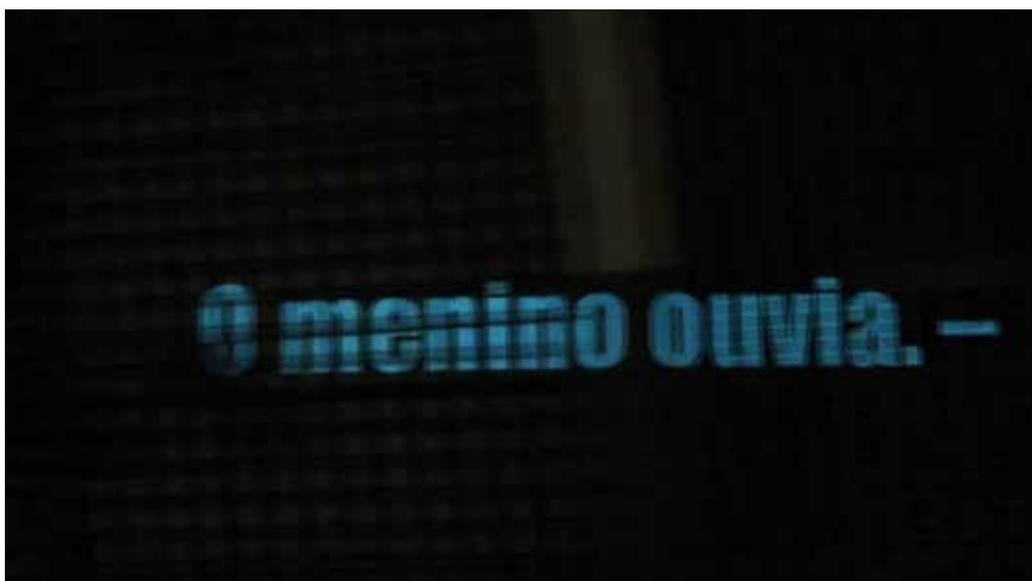
A instalação possui na sua base, sons de tiros tensionados por meio das longas durações e sobreposições de outros tiros. A investigação sonora de Concerto Intermitente pensa a violência e o transmutar da violência dos tiros. A imagem dos tiros reside no som, ambos existem na duração, mas a violência dos tiros irrompe o que dura, a vida. O som é endereçado ao corpo que vê as imagens pela sensação.

Lamber a cidade (Experimento 01)

Melissa Barbery, PA, 2021. Vídeo 5'17.

Artista convidada

Vídeo-ação em que a artista projeta, de um veículo em movimento, trechos do Manifesto Cural do escritor Vicente Cecim sobre as paredes da cidade. Um ato lírico e ao mesmo tempo político para os tempos difíceis. O resultado é um vertiginoso ensaio literário urbano em que a melancolia recobra as forças e se reveste de esperança. (texto: Mariano Klautau Filho)



Ruínas de Sustentação

Duda Santana, PA, 2018

Artista convidada

Série de retratos performáticos em que a artista testa a capacidade de força e tensão do corpo em meio a elementos como barro, planta, cimento, plástico. Além da fotoperformance, Ruínas de Sustentação propõe um belo jogo com a tradição da escultura ao enquadrar rigorosamente seus autorretratos em um corte que os transforma em uma coleção de bustos.

(texto: Mariano Klautau Filho)

PROPOSTA EDUCATIVA XII DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA 2021

Dairi Paixão

Queridos educadores, apresentamos propostas de atividades* para serem desenvolvidas com seus alunos como parte do processo de sensibilização, reflexão, ensino e aprendizado dos alunos em visita presencial ou virtual à mostra do Prêmio Diário deste ano. As obras selecionadas são Pulsões para nos conectar diretamente com diálogos que a contemporaneidade nos apresenta. Nas palavras do curador Mariano Klautau “A arte é uma antena, um captor de energias, uma metralhadora giratória necessária frente às peripécias do poder e às armadilhas da história.” Em um ano de grandes mudanças em nossas vidas, a arte nos atravessa e nos desloca para um espaço de novas possibilidades de criar, sentir, pensar e experimentar. Aqui fazemos o convite para que você, querido professor e aluno se permitam dialogar sobre as questões históricas e afetivas que nos atravessam no exercício do olhar. As atividades são elaboradas pensando 3 eixos de ação: **a leitura de imagem, a contextualização com as vivências e a criação artística.**

I. No primeiro momento a leitura da fotografia. Como podemos ler uma imagem? Dedique 5 minutos para observar com muita atenção e tenha essas perguntas em mente.

Quais formas você identifica nessa imagem?

Quais as cores?

Quais as texturas?

Existem linhas? Para onde elas conduzem seu olhar?

Há pessoas? O que elas estão fazendo?

Há paisagem?

O que mais me chama atenção?

O que eu conheço? O que eu desconheço nessa imagem?

II. No segundo momento vamos dialogar e compartilhar com os colegas as nossas leituras da imagem, respondendo as perguntas do exercício de observação, em seguida utilizamos o tabloide para mais informações sobre os trabalhos que possam contextualizar a poética de cada artista e conectar com nossas vivências e leituras da imagem.

III. Depois que o aluno percorrer essas etapas, iniciamos a proposta de criação artística, de modo qualificado, crítico e sensível.

*As atividades podem ser realizadas em aulas presenciais ou virtuais, segue as indicações.

Para aulas virtuais:

Acessar a exposição virtual, fazer o download do tabloide, compartilhar a tela com os alunos apresentando a visita virtual e o material educativo, para realizar algumas atividades é indicado imprimir este material.

Para as aulas presenciais:

Acessar a exposição virtual, fazer o download do tabloide, projetar para os alunos a visita virtual e o material educativo, para realizar algumas atividades é indicado imprimir este material.



PROPOSTA 1

“COLAGENS DA MEMÓRIA”

No trabalho “No pôr do sol, a cigarra voa reto”, a artista Wilka Sales faz o scanner de imagens poéticas em folhas, galhos, fotografias, raízes e rastros de memória genealógica. A pesquisa cria novas imagens para além da memória imaterial, material, orgânica e biológica estabelecidas pela relação social entre corpo, memória e lugar.

Atividade para os alunos

Vamos fazer uma colagem como a artista? Depois de observar o trabalho de Wilka e as imagens que ela cria nessa colagem com elementos da natureza, fotografias e memórias afetivas. Convide os alunos para coletar imagens e fotografias que tenham em casa que contem histórias de suas vivências ou de sua família. Depois solicite que eles coletem elementos da natureza que eles encontram próximo de casa ou no caminho para escola, juntando esses materiais construa colagens que representam suas narrativas pessoais.

Material: Papel colorido, jornais, materiais orgânicos, tesoura e cola.

PROPOSTA 2

“CONVITE À REFLEXÃO”

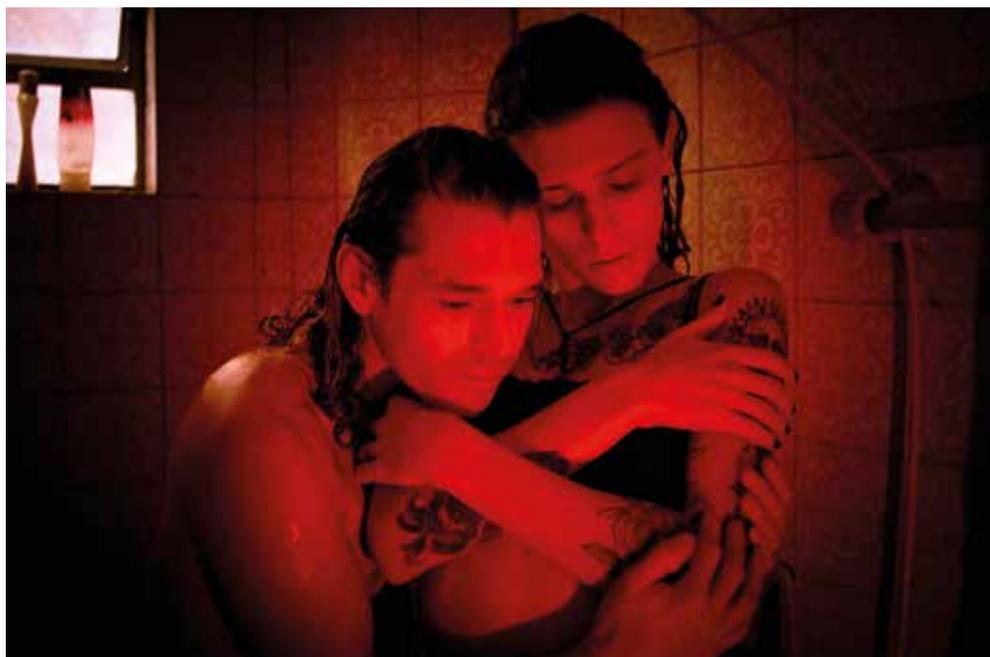
No trabalho Pseudo indígenas, a fotógrafa documentarista Ana Mendes dedicou-se, durante os últimos quatro anos, a retratar dois povos indígenas brasileiros, os Akroá Gamella, que vivem no Maranhão, e os Guarani e Kaiowá, que estão no Mato Grosso do Sul. O longo período de convívio impeliu a fotógrafa, que também é cientista social, a recolher narrativas dos próprios índios sobre as lutas pela garantia de seus territórios.

Atividade para os alunos

Observe com atenção as imagens que Ana Mendes traz em seu trabalho, selecione 3 e comente suas percepções sobre ela. Na sequência solicite aos alunos que pesquisem sobre a questão dos povos indígenas brasileiros e descreva como você identifica a luta por terras no Estado em que você mora.

Materiais: papel, lápis e recursos de pesquisa na internet.





PROPOSTA 3

“IMAGENS DE AMOR E AFETO”

O projeto TransAfetos de Lau Baldo fala sobre uma das diversas possibilidades de se sentir amade*, desejade* e criar laços como qualquer outra pessoa. No trabalho fotográfico temos corpes* trans, travestis e não-binaries construindo novos símbolos imagéticos de afeto e amor. É urgente desmistificar a imagem de preconceito, a violência; e o ódio ao “diferente”.

Atividade para os alunos

Observe as imagens que o artista apresenta em seu trabalho, e a partir de um diálogo sobre a importância de respeitar corpos trans, travestis e não-binários peça aos alunos que busquem imagens que transmitem afeto e amor. Faça uma seleção onde eles possam apresentar corpos diversos de populações que historicamente estão às margens. Crie novas imagens com colagens e intervenções com frases que possam afirmar esse exercício de afeto com todos.

O que é linguagem neutra?

Linguagem Não-Binária ou Neutra é um conjunto de formas linguísticas para se comunicar de maneira a não demarcar gênero para pessoas. Essa forma de linguagem é extremamente importante para pessoas trans não-binárias. A linguagem não foi criada por uma pessoa só, mas por conjuntos de pessoas trans ao longo do tempo. Esta linguagem está sempre em transformação. Por isso o uso do e nas palavras: amade, desejade e corpes.

Materiais: jornais, revistas, papel, canetas, tesoura e cola.

PROPOSTA 4

“LAMBER A CIDADE”

A videoinstalação “Lamber a cidade”, de Melissa Barbery, apresenta uma ação registrada em vídeo de um percurso pela cidade projetando partes do texto Manifestos Curau de Vicente Cecim.

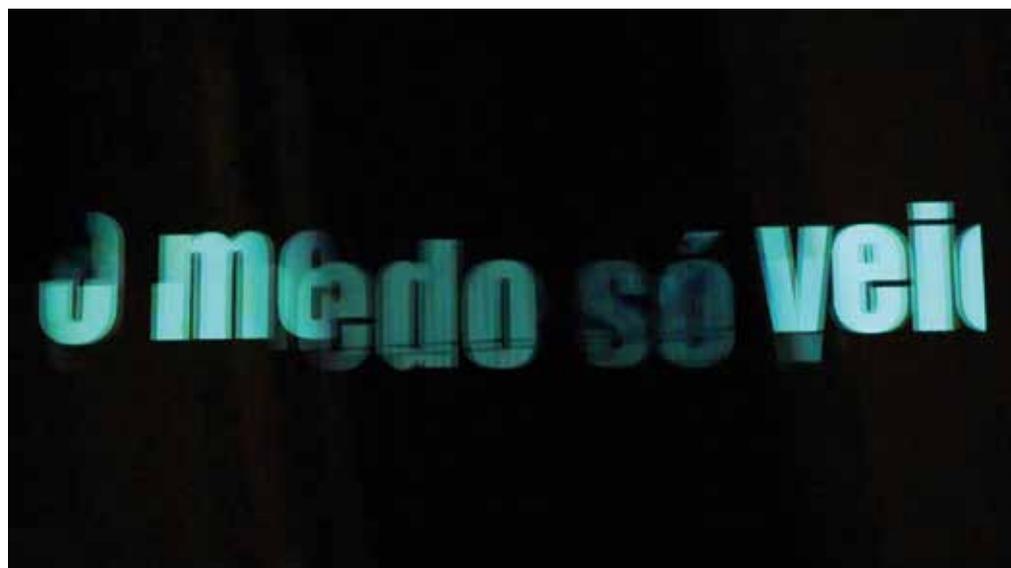
Atividade para os alunos

A partir do título da obra que remete a técnica de Lambe-Lambe muito utilizada em intervenções urbanas, vamos propor aos alunos que leiam o texto Manifestos Curau do grande escritor paraense Vicente Cecim e selecione trechos da obra que se conectam com os mesmos e assim possam destacar, trechos e frases para serem escritos em papéis a fim de criar imagens, ilustrações ou desenhos a partir dessa leitura. Em seguida sugerimos que as criações sejam ampliadas para papéis que possam ser colados em um determinado espaço próximo a escola ou em casa criando uma intervenção urbana.

O que é Lambe-Lambe?

O lambe-lambe é uma vertente da arte de rua que utiliza cartazes como intervenção urbana, com o intuito de transmitir ideias e pensamentos, divulgar as artes ou até mesmo protestos elaborados através de imagens e textos

Materiais: Papel, canetas, cola, água, pincel, rolinho e um balde.





PROPOSTA 5

“FOTOPERFORMANCE”

No trabalho Fotoperformance popular o artista Alex Oliveira montou um estúdio nas ruas de Belo Horizonte e Uberlândia, o projeto contou com a colaboração dos moradores das respectivas cidades. Na fala do artista “Transeuntes e trabalhadores do entorno são convidados a participar da criação de foto performances, potencializando pequenos gestos e objetos cotidianos, ideias, afetos, rotinas e instauram no espaço público uma performance coletiva com a força de uma intervenção urbana.”

Atividade para os alunos

Vamos fazer um experimento como o artista? Depois de observar as fotografias de Alex, escolha um espaço na escola que seja possível para montar um ambiente para as fotos. Peça aos alunos que tragam objetos afetivos, tecidos, elementos que tenham um valor para eles e construam juntos esse cenário para a criação de fotos performances. Convide as pessoas que trabalham na escola, os alunos de outras turmas e os pais para participar do registro. Ao fim da atividade selecione e monte uma exposição apresentando as imagens.

O que é Fotoperformance?

*A fotoperformance é realizada pelo artista para a câmera, uma performance dirigida para o registro fotográfico, sendo uma modalidade da performance que ganha cada vez mais espaço, por seu grande leque de possibilidades.

Material: tecidos, objetos afetivos, um banco, câmera fotográfica ou celular.

PROPOSTA 6

“CARTAS VISUAIS PARA UM MUNDO EM ESPERA”

O trabalho *Correspondências* de Victor Galvão, apresenta dois vídeos como cartas entre Victor e Randolpho Lamonier que contam os pensamentos e sensações diante do mundo e seus acontecimentos.

Atividade para os alunos

Peça aos alunos que façam duplas, a proposta é que durante uma semana cada aluno faça diversos vídeos contando do seu dia, sua rotina, seus pensamentos e sensações. Concluindo a semana os alunos podem enviar para sua dupla a produção audiovisual pensando na ideia de cartas-visuais.

Materiais: Papel, lápis, celular ou câmera fotográfica.





“Fim da Cidade” Erick Gomes



“Serrinha luz e cores” Yuri Juatama

PROPOSTA 7

“LUZ E SOMBRA DAS CIDADES”

Os artistas Erick Gomes com o trabalho “Fim da Cidade” e Yuri Juatama com “Serrinha luz e cores” dialogam com a diversidade da periferia. Eles nos trazem imagens que contam muitas histórias de quem vive e mora nessas comunidades. Um olhar autêntico de fotógrafos que moram no bairro, vivem essa realidade e com um olhar muito sensível contam para nós um pouco de suas narrativas. Erick nos apresenta a vila Ipê, entre amores, perdas e luto, dizem que esse lugar pode ter vários nomes. Yuri propõe imagens pictóricas da periferia cearense, o trabalho surge também como uma provocação e ressignificação da beleza da cidade. São trabalhos sociais de resgate histórico de suas comunidades.

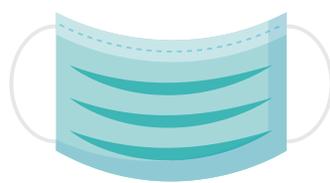
Atividade para os alunos

Dialogue com os alunos quais locais do bairro e da sua cidade são os preferidos? Quais locais são famosos? Quais os personagens mais conhecidos de seu bairro e o que eles têm para contar?

Depois desse diálogo, faça um mapeamento desses pontos que os alunos destacam nos seus bairros. Peça aos alunos que visitem esses espaços e produzam registros como fotografias, desenhos e anotações que possam retratar os locais importantes na sua comunidade. Em seguida construa com eles um grande mapa com essas imagens produzidas e os espaços destacados pelos alunos.

Materiais: papel, lápis, canetas, celular, câmera fotográfica

VISITAÇÃO SEGURA



**USO
OBRIGATÓRIO
DE MÁSCARA**



**HIGIENIZAÇÃO
DAS MÃOS COM
ÁLCOOL 70%**



**MEDIÇÃO DE
TEMPERATURA
NA ENTRADA**



**DISTANCIAMENTO
DE NO MÍNIMO 1,50M
ENTRE AS PESSOAS**



Foto: Irene Almeida



Foto: Dominik Giusti

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



COLABORAÇÃO



PATROCÍNIO

